

JORNAL DE BRASÍLIA À beira do precipício

GAUDÊNCIO TORQUATO

28 NOV 1992

O Brasil se assemelha a um carro, sem freio, no meio de uma ladeira. Basta uma inclinação pouco mais acentuada para ganhar a velocidade dos desastres irreversíveis. A força do atrito que ainda segura a marcha do País é composta por uma tênue coligação de esforços que junta os medos do setor produtivo com as incertezas do setor político. O desequilíbrio do sistema institucional poderá ocorrer por meio do acirramento das crises paralelas que formam o grande arco da gravidade nacional.

A crise primeira se desenvolve no eixo das elites. Há uma profusão de interesses inadministráveis e uma luta denodada para abocanhar fatias de poder. O setor político dá prevalência aos espaços que quer ocupar, deixando as questões nacionais para um segundo plano. As visões partidárias e grupais se superpõem aos conceitos centrados no bem comum. Os limites entre o tamanho do Estado e os territórios da livre iniciativa, que até pouco tempo pareciam estabelecidos, voltam a criar polêmica. Temas que pareciam consensuais, como a natural tendência de universalização das economias e integração competitiva do País, o refluxo das teorias socialistas e os avanços do pragmatismo capitalista, retornam aos tempos pré-queda do Muro de Berlim.

A vitória do PT, em diversos Estados, e uma certa animação de partidos de esquerda levantam a bandeira socialista e energizam movimentos radicais. O Governo Itamar, com seu viés estatizante, dá alento à recuperação de velhos chavões. Um canto de sereia parece

encantar blocos encostados na virada de página da história. Este movimento de recuo é bem visível. O empresariado está atônito, confuso e disperso. Os partidos continuam açodados pela perspectiva de poder. Alguns intelectuais e segmentos de imprensa passam a fazer grande patrulhamento sobre a sociedade. As elites, enfim, estão se engalfinhando.

Nas periferias, a crise começa por estocadas no estômago. A fome não é ficção nem literatura de gabinetes burocráticos. É uma realidade. A fome açoita as carcaças humanas do Piauí ou do Ceará, na devastação cruel da seca. Assola milhões de miseráveis urbanos, que descem morros para formar os rastões dos assaltos e da violência. Multiplicam-se os cordões de crianças pedintes e as esquinas noturnas das grandes capitais se vestem com a nudez dos gays e prostitutas, que ampliam os espaços dos corpos vendidos, em um dos sinais mais evidentes da extensão da miséria. A crise da fome poderá nos levar, mais cedo do que se imagina, à quebradeira e ao caos nas metrópoles.

Nas classes médias, a crise tem o nome de proletarização. Os ares brilhosos e vistosos das classes médias se entristecem e suas vestimentas têm a bolorenta cor de salários minguados. Os funcionários públicos se aboletam nas repartições, grudados na graxa das gorduras administrativas e nas rotinas empedernidas. Morrem um pouco a cada dia com a sensação de que não passam de números sem nenhuma identidade. Os profissionais liberais

vêm seus escritórios com imensos espaços vazios e clientelas em fuga. Os pequenos comerciantes deixam de renovar estoques. O mundo da classe média está inodoro, incolor e sem graça.

No setor produtivo, a crise se chama sucateamento. Poucas fábricas se dispuseram a investir. Entre elas, os segmentos mais ligados aos produtos de consumo de massa. Milhares de fábricas trabalham a meio pau, com mais de 50% da capacidade ociosa. O desânimo abate empresários e desfaz esperanças. Muitos emigraram e passaram a usar suas economias em investimentos em rincões onde corre a riqueza. Parte do setor ainda teme choques e dorme com o trauma dos congelamentos e pacotes. Outros se assustam com a falta de um programa econômico para o Governo. Para eles, a reforma fiscal não passa de mais uma afronta para se arrancar dinheiro a forceps do setor produtivo.

No Governo, a crise é batizada com o nome de falta de identidade. O Governo Itamar é uma parede com mosaicos muito diferentes. Numa olhada geral, a parede não tem uma cor predominante nem um ponto de partida. É uma colcha de retalho, costurada por alguém que parece não saber usar uma agulha. Gosta de usá-la apenas para dar estocada nos costureiros da equipe.

E assim, o Brasil vai correndo na ladeira. Uma chuva molhada no declive nos levará ao precipício.

■ Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor titular da USP e analista político.